



SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0262/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 26/09/2025**

Mimistro das Relações Exteriores saudita participa em reuniões paralelas da AGNU



O ministro das Relações Exteriores, Príncipe Faisal bin Farhan, fala durante uma das reuniões das quais participou à margem da 80ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas.

O ministro das Relações Exteriores, Príncipe Faisal bin Farhan, participou em uma série de reuniões à margem da 80ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, incluindo a reunião de enviados estrangeiros do G20 presidida pela África do Sul.

O Príncipe Faisal enfatizou a importância da cooperação econômica internacional e da activação de instituições multilaterais, principalmente a ONU e o G20, descrevendo-as como plataformas vitais para coordenar esforços para enfrentar os desafios políticos e econômicos.

O ministro das Relações Exteriores disse que enfrentar os desafios globais requer solidariedade internacional genuína e cooperação multilateral baseada na responsabilidade compartilhada.

"O mundo hoje enfrenta níveis crescentes de desigualdade, interrupções econômicas globais que impactaram profundamente milhões de vidas, escaladas regionais e internacionais. Todas essas questões ameaçam a estabilidade da ordem internacional e dificultam o caminho do desenvolvimento sustentável", disse o Príncipe Faisal.

O Príncipe Faisal também participou na reunião de nível ministerial da Troika da Cúpula Árabe com seu homólogo sul-coreano Cho Hyun, que também foi presidente do Conselho de Segurança da ONU em setembro. Eles discutiram maneiras de coordenar o trabalho multilateral para fortalecer os esforços conjuntos que atendem a questões regionais e internacionais durante a reunião.

O Príncipe Faisal também se reuniu com o vice-primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores de Luxemburgo, Xavier Bettel, onde assinaram um Memorando de Entendimento sobre consultas políticas. Eles também falaram sobre estratégias para melhorar ainda mais as relações bilaterais entre seus países. **Fonte-Arab News.**

Questões Israel-Palestina não são intransponíveis, diz ministro das Relações Exteriores saudita



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, príncipe Faisal bin Farhan, na ONU.

As questões entre Israel e Palestina não são intransponíveis e podem ser resolvidas por meio de um processo negociado se houver vontade política séria, disse ontem quinta-feira o ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, ao Arab News.

"Obviamente, terá que haver um processo negociado entre a Palestina e Israel para finalizar todas as questões pendentes. Não vemos essas questões como intransponíveis", disse ele. "Se houver uma vontade séria - e sabemos pela Autoridade Palestina que eles estão prontos e virão para resolver essas questões de maneira razoável e pragmática - poderíamos ter um Estado palestino em um prazo relativamente curto, que também seja muito sustentável e viável, e possa viver em harmonia com seus vizinhos em Israel. " Ele estava falando em Nova York

à margem da 80ª sessão da Assembleia Geral da ONU, onde a guerra de Gaza dominou as discussões dos líderes mundiais.

Foi precedida pela Conferência Internacional de Alto Nível para a Solução Pacífica da Questão da Palestina e a Implementação da Solução de Dois Estados, que foi co-presidida pelo Reino da Arábia Saudita e pela França. Isso resultou na adopção da Declaração de Nova York, um roteiro abrangente que descreve passos tangíveis e com prazo determinado para a resolução pacífica do conflito israelense-palestino.

A declaração, endossada pela AGNU com apoio esmagador, estabelece uma estrutura multidimensional que aborda governança política, segurança, ajuda humanitária, recuperação econômica e responsabilidade legal. Também pede um cessar-fogo imediato em Gaza, sua reunificação com a Cisjordânia sob a Autoridade Palestina e a exclusão do Hamas, o estabelecimento de uma missão temporária de estabilização liderada pela ONU e a suspensão da expansão dos assentamentos israelenses.

O Príncipe Faisal expressou esperança de que a solução de dois Estados possa ser realizada em breve, descrevendo-a como o único caminho viável para a paz e a estabilidade duradouras na região. "É em um futuro próximo? Eu certamente espero que seja porque esse é o único caminho para a esperança, para todos nós na região vivermos em segurança e estabilidade de uma forma sustentável", disse ele.

O Príncipe Faisal observou que as bases de um futuro Estado palestino já estão estabelecidas sob o direito internacional e que uma paz sustentável exigiria que as negociações sobre o status final avançassesem de boa fé. "Os blocos de construção estão lá. Está claro nas resoluções fundadoras da ONU que estabeleceram o Estado de Israel", disse ele. "Havia também uma compreensão clara da fundação do Estado da Palestina. As fronteiras de 1967 são entendidas pelo direito internacional como as fronteiras do Estado da Palestina.

Sobre a situação em Gaza, o Príncipe Faisal enfatizou a escala da resposta internacional e do apoio humanitário, mas alertou que a reconstrução deve ser parte de uma solução de longo prazo, não outra solução de curto prazo. "Acho que vimos, apenas pelo derramamento significativo de ajuda apenas para o alívio emergencial de Gaza, que há um compromisso com a reconstrução de Gaza", disse ele. "Mas o que eu quero deixar claro é que é absolutamente necessário que, quando fizermos a transição, espero que em breve, para um cessar-fogo, isso não seja um estado temporário de coisas.

"Acho inaceitável que venhamos à comunidade internacional para pedir que se unam para reconstruir Gaza quando ela foi destruída por Israel, apenas para que exista o potencial da situação no terreno, onde tudo isso possa acontecer novamente." Ele enfatizou a necessidade de os esforços de reconstrução serem sustentáveis e vinculados directamente a uma resolução política. "Acho que é absolutamente crítico, de mãos dadas com o alívio imediato da situação em Gaza, que essa reconstrução seja garantida para ser sustentável, que o façamos de uma

vez por todas. "E novamente vem a necessidade de um acordo final sobre o status da Palestina, por meio do Estado palestino."

O Príncipe Faisal também disse a repórteres em Nova York que os países árabes e muçulmanos deixaram claro ao presidente dos EUA, Donald Trump, os perigos da anexação israelense da Cisjordânia. "Alguns países deixaram muito claro para o presidente o perigo de anexação de qualquer tipo na Cisjordânia e o risco que isso representa não apenas para o potencial de paz em Gaza, mas também para qualquer paz sustentável. "E me sinto confiante de que o presidente Trump entendeu a posição dos países árabes e muçulmanos." **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita e funcionários da OIC discutem questões trabalhistas em Baku



O Vice-ministro de Recursos Humanos e Desenvolvimento Social do Trabalho, Abdullah Abuthnain, liderou a delegação saudita na reunião do conselho executivo do Centro de Trabalho da OIC em Baku, Azerbaijão.

Abdullah Abuthnain, Vice-ministro de recursos humanos e desenvolvimento social para o trabalho do Reino da Arábia Saudita, liderou a delegação do Reino na reunião do conselho executivo do Centro de Trabalho da Organização de Cooperação Islâmica em Baku, Azerbaijão, em 23 e 24 de setembro. A reunião incluiu ministros e altos funcionários dos estados membros da OIC e abordou questões como emprego e proteção social, informou ontem quinta-feira a Agência de Imprensa Saudita. Também examinou os principais desafios enfrentados pelos mercados de trabalho em todo o mundo islâmico e explorou oportunidades de crescimento e emprego sustentável. Em suas observações, o Vice-ministro destacou o papel central do Centro de Trabalho da OIC na coordenação de esforços e na facilitação da troca de conhecimentos entre os Estados membros. Ele ressaltou a necessidade de sustentar essa cooperação para superar os desafios do mercado de trabalho, fortalecer a proteção social e promover o desenvolvimento sustentável em todo o mundo islâmico. Ele também sublinhou as principais iniciativas no mercado de trabalho do Reino destinadas a capacitar os jovens, aumentar sua participação econômica e promover a transformação digital na prestação de serviços.

Abuthnain também participou na mesa redonda intitulada "Estratégias Inovadoras de Trabalho e Emprego em um Mundo em Mudança: Desafios Globais – Soluções Nacionais", que contou com a presença de ministros e representantes de quase 30 estados membros da OIC. A reunião foi concluída enfatizando a importância de fortalecer a cooperação entre os Estados membros e adoptar políticas trabalhistas inovadoras que promovam o desenvolvimento do capital humano nos Estados membros. **Fonte-Arab News.**

[Enviados climáticos sauditas e russos se reúnem na AGNU](#)



Adel Al-Jubeir, enviado climático do Reino da Arábia Saudita, reuniu ontem quinta-feira na ONU com seu homólogo russo, Ruslan Edelgeriyev.

Adel Al-Jubeir, ministro de Estado das Relações Exteriores e enviado climático do Reino da Arábia Saudita, reuniu-se ontem com Ruslan Edelgeriyev, assessor presidencial russo e representante especial para questões climáticas, à margem da 80ª Assembleia Geral da ONU. Os dois discutiram questões ambientais, mudanças climáticas e esforços internacionais relacionados.

Os dois países estão se concentrando em fortalecer ainda mais seus laços. Recentemente, a Comissão Real de Jubail e Yanbu, representada pela cidade de Jazan para as Indústrias Primárias e Downstream, realizou uma viagem à Rússia com o objectivo de atrair investimentos e construir parcerias. Liderada pelo CEO da JCPDI, Hussain Fadhli, a delegação saudita se reuniu com as principais empresas russas para mostrar a infraestrutura, os incentivos e as vantagens competitivas da cidade. **Fonte-Arab News.**

[Supervisor-geral da Ksrelief e a directora executiva do PAM discutem esforços de socorro](#)



A chef do Programa Mundial de Alimentos, Cindy Hensley McCain, reuniu com o Dr. Abdullah Al-Rabeeah, supervisor-geral da agência de ajuda saudita Ksrelief.

O Dr. Abdullah Al-Rabeeah, supervisor-geral da agência de ajuda saudita Ksrelief, reuniu-se ontem quinta-feira com Cindy Hensley McCain, directora-executiva do Programa Mundial de Alimentos, à margem da 80ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova York.

As discussões se concentraram em tópicos de interesse mútuo relativos aos esforços humanitários e de socorro, bem como actualizações sobre projectos relacionados a

alimentos implementados por ambas as partes, informou a Agência de Imprensa Saudita.

McCain elogiou as conquistas da KSrelief no trabalho humanitário, de socorro e desenvolvimento, destacando sua dedicação incansável em ajudar países e comunidades necessitadas em todo o mundo. Além disso, falando na sessão "Diplomacia Humanitária em Ação: Resposta Colectiva às Crises no Médio Oriente", Al-Rabeeah enfatizou que a diplomacia humanitária é essencial para alcançar a paz e a estabilidade, e que a combinação de esforços humanitários com diplomacia promove o diálogo produtivo, apesar dos desafios envolvidos. **Fonte-Reuters**.

Auditores internos sauditas compartilham experiência em conferência no Japão



Representantes da Autoridade Saudita de Auditores Internos juntaram-se a outros líderes e especialistas internacionais no Japão para a Conferência Nacional de Auditoria Interna.

Representantes da Autoridade Saudita de Auditores Internos juntaram-se a outros líderes e especialistas internacionais no Japão para a Conferência Nacional de Auditoria Interna. Um de seus objectivos é fortalecer a cooperação entre a autoridade e suas contrapartes estrangeiras, reafirmando o papel do Reino na liderança da mudança profissional em nível global. Também destacará a experiência da autoridade em áreas como supervisão, governança, transparência e conformidade.

O CEO da autoridade, Abdullah bin Saleh Al-Shebeili, foi um dos principais palestrantes. Ele enfatizou a necessidade de cooperação internacional no desenvolvimento da profissão e disse que o Reino da Arábia Saudita atribui grande importância à auditoria interna como uma ferramenta crucial para o progresso, pois melhora a qualidade do desempenho e ajuda a garantir altos padrões. Ele acrescentou que as iniciativas apresentadas pela autoridade, como "De Riade para o Mundo", contribuíram muito para a troca de conhecimentos e a construção de redes profissionais que incluíam China, Rússia, Austrália, Suíça, Áustria e Estados Unidos. Isso, por sua vez, se reflectiu no desenvolvimento de métodos de aplicação da auditoria interna alinhados com os avanços tecnológicos modernos.

Al-Shebeili enfatizou a importância de programas acadêmicos e parcerias com as principais universidades globais, que a autoridade está actualmente realizando com a Universidade de Harvard, nos EUA, e a Universidade de Cambridge, no Reino Unido. Essas parcerias resultaram na formação de mais de 200 líderes profissionais no programa de Liderança em Auditoria Interna e 45 em Governança, Risco e Compliance. Ele acrescentou que o Reino se tornou um centro global para o desenvolvimento da

profissão, melhorando a qualidade da auditoria interna, aumentando a eficiência dos profissionais e construindo gerações capazes de liderar o futuro. A visão compartilhada, disse ele, era construir uma "profissão de auditoria sem fronteiras" baseada em conhecimento, cooperação e inovação. **Fonte-Arab News.**

[Reino da Arábia Saudita congela aluguéis em Riade por 5 anos](#)



As violações do novo sistema acarretarão multas de até 12 meses de aluguel para a unidade afectada.

O Reino da Arábia Saudita promulgou novos regulamentos abrangentes para estabilizar os preços dos aluguéis em Riade, incluindo um congelamento de cinco anos nos aumentos de propriedades residenciais e comerciais.

As medidas, aprovadas pelo Gabinete e promulgadas por um Decreto real, destinam-se a lidar com o aumento dos aluguéis na capital e restaurar o equilíbrio do mercado imobiliário. A partir de 25 de setembro, os proprietários não poderão mais aumentar os valores dos aluguéis em contratos existentes ou novos dentro dos limites urbanos de Riade por um período de cinco anos, de acordo com um relatório da Agência de Imprensa Saudita. A Autoridade Geral de Imóveis também terá autoridade para estender o congelamento a outras cidades ou regiões com a aprovação do Conselho de Assuntos Econômicos e de Desenvolvimento.

O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman determinou que as medidas sejam aplicadas como parte de esforços mais amplos para salvaguardar os direitos dos inquilinos e proprietários, fortalecer a transparência e garantir a concorrência justa no mercado de aluguel, ao mesmo tempo em que apoia o desenvolvimento urbano sustentável em Riade.

O relatório da agência de notícias afirmava: "A Autoridade Geral de Imóveis estudou os procedimentos de acordo com as melhores práticas e experiências internacionais para regular a relação entre o proprietário e o inquilino". De acordo com o novo quadro, os aluguéis de unidades vagas que foram alugadas anteriormente serão fixados no valor do último contrato registrado, enquanto os aluguéis de imóveis que nunca foram alugados continuarão a ser determinados por acordo entre proprietário e inquilino. Todos os contratos de locação devem ser registrados na plataforma digital Ejar do governo, com proprietários e inquilinos. A outra parte terá 60 dias para se opor antes que o contrato seja considerado legalmente válido. Os regulamentos também estabelecem a renovação automática de arrendamentos em todo o Reino, a menos que uma das partes dê um aviso prévio de pelo menos 60 dias antes do vencimento. Os contratos com menos de 90 dias

restantes no momento da implementação estão isentos, assim como os arrendamentos rescindidos por mútuo acordo após o período de aviso prévio.

Em Riade, os proprietários não podem se recusar a renovar um contrato se o inquilino desejar continuar a ocupação, excepto em três casos: falta de pagamento do aluguel, problemas de segurança estrutural verificados por um relatório técnico oficial ou necessidade pessoal do proprietário para a unidade ou de um membro imediato da família.

A autoridade também pode definir excepções adicionais no futuro. Os proprietários podem contestar valores fixos de aluguel em circunstâncias específicas, inclusive quando reformas substanciais aumentaram o valor da propriedade, quando o último contrato de locação é anterior a 2024 ou em outros casos aprovados pela autoridade. O órgão estabelecerá mecanismos para revisar e decidir sobre tais objecções.

As violações do novo sistema acarretarão multas de até 12 meses de aluguel para a unidade afectada, juntamente com a exigência de corrigir a violação e indenizar a parte lesada. As penalidades serão determinadas por comissões instituídas nos termos do artigo 20 da Lei de Mediação Imobiliária. Os senhorios e arrendatários que violem podem recorrer das decisões no prazo de 30 dias para a autoridade judicial competente. Os denunciantes que não estão directamente envolvidos na aplicação também podem receber até 20% da multa cobrada se suas informações resultarem em uma violação confirmada, com regras de distribuição estabelecidas pela autoridade. Nos casos em que os novos regulamentos não forneçam orientações explícitas, aplicar-se-ão as disposições da Lei das Transações Civis.

O Gabinete também mantém o direito de alterar as regras com base nas recomendações do Conselho de Assuntos Econômicos e de Desenvolvimento e em relatórios futuros da Autoridade Geral de Imóveis. A autoridade foi encarregada de monitorar o cumprimento, publicar esclarecimentos e fornecer educação pública sobre as novas regras. Também fornecerá relatórios periódicos sobre preços de aluguel e desempenho de mercado. **Fonte-Arab News**.

Sudão 'renascerá em unidade' através de roteiro de transição



Em seu discurso, Idris disse que seu país é uma "grande civilização" que foi vítima de "perigos existenciais" nas mãos das Forças de Apoio Rápido paramilitares. (AGNU).

O novo primeiro-ministro de transição do Sudão delineou planos para que seu país "renasça em unidade" após anos de guerra civil brutal. Kamil El-Tayeb Idris discursou na Assembleia Geral da ONU em Nova York ontem quinta-feira, meses depois de ser nomeado pelo Conselho de Soberania de Transição de seu país sob o presidente Abdel

Fattah Al-Burhan. Ele é o primeiro primeiro-ministro civil do Sudão desde a renúncia de Abdalla Hamdok em 2022. Em seu discurso, Idris disse que seu país é uma "grande civilização" que foi vítima de "perigos existenciais" nas mãos das Forças de Apoio Rápido paramilitares. "Estou diante de vocês das margens do Nilo, da terra onde a história é tão profunda quanto o próprio rio, de onde os desertos conhecem as pegadas de reinos antigos, civilizações antigas, e de onde, nesta hora presente, a poeira ainda carrega o cheiro da guerra", acrescentou.

"O Sudão sangrou. Nossas aldeias e cidades ficaram em silêncio sob a sombra de uma guerra sem precedentes, uma invasão sem precedentes na história da humanidade. Nossos filhos conheceram o medo antes de conhecerem o significado da vida. E, no entanto, em meio às cinzas da guerra, há um pulso único que se recusa a morrer. O direito internacional está sendo corroído por meio de "crimes de genocídio, agressão e emprego de mercenários estrangeiros para ocupar os territórios dos Estados e massacrar seus povos", disse Idris. Ele expôs as ambições de seu governo civil: alcançar a paz como prioridade máxima, estabelecer um Estado baseado no Estado de Direito, combater a pobreza e a corrupção, activar a justiça transicional e lançar as bases para eleições nacionais abrangentes com observadores internacionais, entre outros. "Nossas portas permanecerão abertas para a ONU e organizações regionais e internacionais", disse ele. "Pedimos à comunidade internacional que apoie as escolhas do povo sudanês e de seu governo civil e apoie as soluções africanas para os conflitos."

Idris também destacou a "perigosa deterioração e escalada" no Médio Oriente, incluindo a "situação catastrófica" na Palestina. Ele pediu o estabelecimento de um Estado palestino independente baseado nas linhas de 1967 com Jerusalém Oriental como sua capital. "Condenamos o flagrante ataque israelense à soberania do Estado irmão do Qatar, que ameaça a paz e a segurança internacionais. Sem paz, não há futuro viável", acrescentou. Concluiu seu discurso prometendo que "nossa soberania e integridade territorial são linhas vermelhas", acrescentando: "Nunca desistiremos. Eu prometo a você, nunca vamos desistir. **Fonte-Reuters**.

Trump diz que "não permitirá que Israel anexe a Cisjordânia" e que um acordo sobre Gaza "pode acontecer em breve"



O Presidente Donald Trump disse que não permitiria que Israel anexasse a Cisjordânia ocupada.

O Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse ontem quinta-feira que não permitirá que Israel anexe a Cisjordânia, rejeitando pedidos de alguns políticos de

extrema-direita em Israel que querem estender a soberania sobre a área e acabar com as esperanças de um Estado palestino.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, enfrentou alguma pressão de aliados para anexar a Cisjordânia, provocando alarme entre os líderes árabes, alguns dos quais se reuniram na passada terça-feira com Trump à margem da Assembleia Geral das Nações Unidas. "Não permitirei que Israel anexe a Cisjordânia. Não, eu não vou permitir. Isso não vai acontecer", disse Trump a repórteres no Salão Oval. "Já houve o suficiente. É hora de parar agora", disse ele. França, Grã-Bretanha, Canadá, Austrália e Portugal estão entre os países que reconheceram um Estado palestino nos últimos dias, em parte para ajudar a manter viva a possibilidade de uma solução de dois Estados. Israel condenou os movimentos.

Trump fez os comentários enquanto Netanyahu chegava hoje sexta-feira a Nova York para fazer um discurso nas Nações Unidas.

O gabinete de Netanyahu disse que o primeiro-ministro esperaria até retornar a Israel para abordar o comentário de Trump. Os assentamentos israelenses cresceram em tamanho e número desde que Israel capturou a Cisjordânia na guerra de 1967. Eles se estendem profundamente no território com um sistema de estradas e outras infraestruturas sob controle israelense, cortando ainda mais a terra. Um plano de assentamento israelense amplamente condenado conhecido como projeto E1, que dividiria a Cisjordânia ocupada e a separaria de Jerusalém Oriental, recebeu a aprovação final em agosto. Ele cortará a terra que os palestinos buscam para um Estado. Países árabes e muçulmanos alertaram Trump durante uma reunião no início desta semana sobre as graves consequências de qualquer anexação da Cisjordânia - uma mensagem que o presidente dos EUA "entende muito bem", de acordo com o ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan Al-Saud. **Fonte-Reuters.**

Líder palestino promete trabalhar com Trump e outros em plano para Gaza apoiado pela ONU



O Presidente palestino, Mahmud Abbas, segura um cartaz mostrando os mapas em mudança da Palestina, incluindo um sob o novo plano de paz do presidente dos EUA, Donald Trump, enquanto se reúne por videoconferência com representantes de facções palestinas reunidos na embaixada palestina em Beirute. As raras conversas discutiram como responder a tais acordos e a um plano de paz para o Médio Oriente anunciado por Washington este ano.

O Presidente palestino, Mahmoud Abbas, prometeu ontem quinta-feira trabalhar com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, Reino da Arábia Saudita, França e a Organização das Nações Unidas (ONU) em um plano de paz para Gaza apoiado por esmagadora maioria pelo órgão mundial. A Assembleia Geral da ONU, composta por

193 membros, endossou esmagadoramente neste mês uma declaração de sete páginas que visa promover uma solução de dois Estados para Israel e os palestinos e acabar com a guerra em Gaza entre Israel e militantes do Hamas. A declaração surgiu em uma conferência internacional na ONU em julho - organizada pelo Reino da Arábia Saudita e França - sobre o conflito de décadas. Os Estados Unidos e Israel boicotaram o evento e rejeitaram os esforços internacionais.

Trump oferece plano de paz de 21 pontos,

Separadamente, o enviado especial dos EUA, Steve Witkoff, disse na passada quarta-feira que Trump apresentou um plano de paz de 21 pontos para o Médio Oriente e Gaza durante uma reunião com líderes de vários países de maioria muçulmana à margem da Assembleia Geral da ONU desta semana.

Abbas discursou ontem quinta-feira na reunião anual de líderes mundiais por vídeo, depois que os Estados Unidos disseram que não lhe dariam visto para viajar a Nova York. "Apesar de tudo o que nosso povo sofreu, rejeitamos o que o Hamas realizou em 7 de outubro – actos que visaram civis israelenses e os tomaram como reféns – porque tais acções não representam o povo palestino nem sua justa luta pela liberdade e independência", disse Abbas.

Abbas descarta o papel do Hamas, mas o Hamas se opõe,

"Afirmando - e continuaremos a afirmar - que Gaza é parte integrante do Estado da Palestina e que estamos prontos para assumir total responsabilidade pela governança e segurança lá. O Hamas não terá nenhum papel na governança, e ele - junto com outras facções - devem entregarem as suas armas à Autoridade Nacional Palestina", disse ele. "Reiteramos que não queremos um Estado armado." Os pontos que ele levantou estão incluídos na declaração endossada pela Assembleia Geral. "Declaramos nossa prontidão para trabalhar com o presidente Donald Trump, com o Reino da Arábia Saudita, a França, as Nações Unidas e todos os parceiros para implementar o plano de paz" apoiado pela Assembleia Geral, disse Abbas.

O Hamas rejeitou os comentários de Abbas. "Consideramos a afirmação do presidente da Autoridade de que o Hamas não terá nenhum papel na governança uma violação do direito inerente de nosso povo palestino de decidir seu próprio destino e escolher quem os governa, e uma submissão - inaceitável para nós - a ditames e esquemas externos", disse o Hamas em um comunicado. O grupo também disse que suas armas "não podem ser comprometidas enquanto a ocupação permanecer entrincheirada em nossa terra e oprimir nosso povo", acrescentando: "Denunciamos o apelo do presidente da Autoridade para entregá-las". **Fonte-Reuters.**

Netanyahu discursará na ONU enquanto aumenta a pressão sobre a guerra em Gaza

Enfrentando o isolamento internacional, acusações de crimes de guerra e crescente pressão para acabar com um conflito que ele continua a escalar, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, tem a chance de recuar. O discurso anual de Netanyahu na Assembleia Geral da ONU é sempre observado de perto, muitas vezes

protestado, enfático de forma confiável e às vezes um local para alegações dramáticas. Mas desta vez, as apostas são maiores do que nunca para o líder israelense. Nos últimos dias, Austrália, Canadá, França, Reino Unido e outros anunciaram o reconhecimento de um Estado palestino independente.

A União Europeia está considerando tarifas e sanções contra Israel. A assembleia aprovou este mês uma resolução não vinculativa pedindo a Israel que se comprometa com uma nação palestina independente, o que Netanyahu disse ser um fracasso.

O Tribunal Penal Internacional emitiu um mandado de prisão acusando Netanyahu de crimes contra a humanidade, o que ele nega. E a mais alta corte da ONU está avaliando a alegação da África do Sul de que Israel cometeu genocídio em Gaza, que refuta veementemente. Nesse contexto, Netanyahu parecia resoluto na passada quinta-feira ao embarcar em um avião em Israel para se dirigir à reunião anual de líderes de alto nível da ONU em Nova York. "Vou dizer a nossa verdade", disse Netanyahu. "Vou condenar os líderes que, em vez de condenar os assassinos, estupradores e queimadores de crianças, querem dar-lhes um Estado no coração de Israel." **Fonte-Reuters.**

○ Hezbollah ainda pode ditar os resultados na Síria?



Armas e munições supostamente apreendidas pelo Comando de Segurança Interna da Síria durante uma operação de segurança nas cidades de Sa'sa e Kanaker, na zona rural ocidental de Damasco.

As autoridades interinas da Síria anunciaram no início deste mês que haviam desmantelado uma célula ligada ao Hezbollah do Líbano. O grupo apoiado pelo Irã, que lutou ao lado do regime deposto de Bashar Assad durante a guerra civil e, mais recentemente, entrou em confronto com Israel, nega qualquer presença na Síria. Se as alegações forem verdadeiras, as prisões de 11 de setembro levantam uma questão urgente: por que o Hezbollah, ainda cuidando das feridas de seu ataque por Israel em 2024, procuraria manter uma posição na Síria agora que seus antigos aliados do regime foram removidos do poder?

O Ministério do Interior da Síria disse em um comunicado que unidades especializadas, trabalhando com o serviço geral de inteligência, prenderam "uma célula terrorista pertencente à milícia Hezbollah" no interior de Damasco.

O ministério compartilhou fotos no X, dizendo que as forças de segurança apreenderam "lançadores de foguetes, mísseis antitanque, 19 foguetes Grad, bem como armas pequenas e grandes quantidades de munições" durante ataques nas cidades de Saasa e Kanaker, na zona rural ocidental de Damasco. Em um post separado, o ministério

compartilhou imagens de cinco homens que disse terem sido presos por suspeita de envolvimento na célula do Hezbollah. Os suspeitos, acrescentou, foram "encaminhados às autoridades competentes para continuar as investigações".

O Hezbollah rapidamente rejeitou a acusação. "Negamos categoricamente e completamente o que o Ministério do Interior sírio mencionou sobre a filiação dos presos no interior do oeste de Damasco ao Hezbollah", disse o escritório de imprensa do grupo em um comunicado. O grupo reiterou o que chamou de sua posição de longa data. "O Hezbollah não tem presença e não realiza nenhuma actividade em território sírio, e está profundamente comprometido com a estabilidade da Síria e a segurança de seu povo." **Fonte-Reuters.**

As grandes potências devem mudar ou nosso mundo continuará a sangrar



MOHAMED CHEBARO

25 de setembro de 2025



A ONU deve ser revolucionária pela primeira vez e declarar uma emergência global que requer acção directa.

O discurso feito pelo presidente dos EUA, Donald Trump, na ONU esta semana foi considerado absurdo por muitos, especialmente quando ele afirmou ter encerrado sete guerras "intermináveis" durante o seu mandato de oito meses. No entanto, suas palavras reflectem o que todos no mundo estão sentindo: que a ONU, e especialmente o seu Conselho de Segurança, não é mais capaz de acabar com os conflitos. Mas as razões para isso não são um problema da ONU, são um problema das grandes potências como os EUA, China e Rússia.

Os líderes mundiais se reuniram para a Assembleia Geral da ONU em Nova York esta semana, como fizeram nos últimos 80 anos. Mas, ao contrário das meras conversas que eles realizaram anteriormente, um senso de urgência e pressão pode ser sentido nos discursos da maioria dos líderes este ano - e por várias razões. No entanto, todos eles não chegaram a pedir uma cúpula extraordinária para redesenhar os objectivos das grandes potências e concordar com um roteiro para alcançá-los. Após essa cúpula, um mundo menos conflituoso poderia emergir. Poderia parar as guerras eternas e seus caros custos humanos, materiais e ecológicos.

Da França à Coreia do Sul e da África do Sul ao Suriname, os discursos na AGNU prometeram apoio ao apelo do secretário-geral da ONU, António Guterres, para trabalharmos juntos para enfrentar os desafios globais da guerra, da pobreza e do caos climático. Eles apoiaram a escolha da paz em vez da guerra, da lei em vez da ilegalidade e de um futuro em que as nações se unam em vez de lutar por seus próprios interesses.

A questão é como transformar toda essa retórica em medidas práticas que possam atrair outras nações, especialmente as superpotências, para longe do conflito e em direcção à paz? Além do discurso de Trump, que foi claramente dirigido a seus apoiadores domésticos de "Make America Great Again", os líderes geralmente conseguiram apontar para os factores que alimentam a descida do mundo a esse estado caótico de narrativas conflituosas, incerteza e medo.

De cada lado do discurso de 58 minutos de Trump em frente a um salão silencioso, outros líderes fizeram advertências veladas, mas astutas, sobre o estado do nosso mundo. O discurso comovente do presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva se destacou, ao falar sobre a perda da autoridade dos EUA sem mencionar Trump. Ele alertou sobre a ameaça representada pelos novos autoritários, lembrando a todos que os ideais que inspiraram os fundadores da ONU em São Francisco estão hoje ameaçados.

"Há um paralelo claro entre a crise do multilateralismo e o enfraquecimento da democracia", disse Lula. "O autoritarismo é fortalecido quando deixamos de agir diante de actos arbitrários. Quando a sociedade internacional vacila na defesa da paz, da soberania e do Estado de direito, as consequências são trágicas. Em todo o mundo, forças antidemocráticas estão tentando subjugar instituições e sufocar liberdades. Eles adoram a violência, elogiam a ignorância, agem como milícias físicas e digitais e restringem a imprensa."

O presidente indonésio Prabowo Subianto recebeu aplausos calorosos ao afirmar que "o poder não pode estar certo, o certo deve estar certo". E o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, falou pela maioria dos delegados quando insistiu que os líderes devem ser contidos quando ficarem fora de controle, como o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu. Erdogan alertou que aqueles que permanecem em silêncio diante da barbárie são cúmplices dos crimes cometidos.

Orador após orador diagnosticou os mesmos problemas e a maioria deles reconheceu que a ONU e o multilateralismo continuam sendo um veículo valioso para proteger a humanidade em um mundo em transição. Recursos cada vez menores, aumento da ganância, intervenções militares, aquecimento global e mudanças climáticas estão mudando o planeta em que vivemos. Pode-se acrescentar a isso a transformação digital

e o domínio da comunicação social descontrolada e não regulamentada, que está destruindo a ordem social em muitos países coerentes e coesos.

Se quiser permanecer relevante e salvar o multilateralismo, a ONU deve ser revolucionária de uma vez e declarar uma emergência global que requer acção directa. Isso seria reunindo todos os elefantes em uma sala. E não estou falando de 192 nações independentes, mas talvez de colocar duas dúzias de líderes que concordam com o que foi dito na maioria dos discursos na AGNU deste ano em uma sala com as superpotências. Juntos, eles devem apresentar um roteiro que atenda aos seus próprios interesses, mas também à sobrevivência do planeta e de seu povo.

Na última década, as grandes potências, bem como os actores globais em ascensão, atingiram um ponto de inflexão e agora discordam na maioria das questões, da guerra da Rússia na Ucrânia ao genocídio de Gaza, do Sudão ao Congo. Já é hora de criar e assinar um pacto que se comprometa com uma ordem mundial reformada que garanta a paz e um meio ambiente protegido. Isso permitiria que pessoas e empresas prosperassem, acabando com a incerteza e a ansiedade constantes e crescentes que resultam da ignorância, da ganância e da corrida por lucros, o que poderia abalar os princípios centrais da sociedade e sua durabilidade.

Líderes de todas as nações e ideologias devem concordar em uma coisa - e isso é se encontrar e discordar, pois este seria o primeiro passo no longo caminho para encontrar um terreno comum e respostas razoáveis para as perguntas que inicialmente parecem diversas, mas na verdade são as mesmas, independentemente de cor, credo, geografia, demografia ou riqueza. O mundo que evoluiu após a Segunda Guerra Mundial tornou-se cada vez mais interconectado e é na manutenção dessa interconexão que soluções e acomodações podem ser encontradas. O isolamento e as soluções individuais provaram ser insustentáveis.

Mohamed Chebaro é um jornalista britânico-libanês com mais de 25 anos de experiência cobrindo guerra, terrorismo, defesa, actualidades e diplomacia.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é suas e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.

